

A CRIAÇÃO DE UM DISPOSITIVO ARTÍSTICO-PEDAGÓGICO NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Resumo

Os estudos aqui apresentados são embasados em intervenções socioambientais e experimentações teatrais entendidas como dispositivo artístico-pedagógico. A questão que impulsiona estes estudos propõe examinar formas possíveis de contribuir com a produção de modos de coexistência que promovam o cuidado consigo, com os outros e com o meio ambiente, em um espaço-tempo comprometido com o controle e alienação dos corpos: o mundo contemporâneo. Trata-se dos deslocamentos de uma pesquisa-intervenção fundada no campo epistemológico da Análise Institucional e nos estudos sobre as Três Ecologias (ecologia mental, social e ambiental) de Felix Guattari, objetivando analisar a capacidade de reinvenção de si e do mundo, pela perspectiva da formação em Educação Ambiental. Para tanto, foi realizado um trabalho de campo que buscou estimular capacidades emocionais, inventivas, afetivas, imaginativas e intuitivas ao longo das atividades artístico-pedagógicas desenvolvidas. As intervenções e oficinas realizadas no Hospital Universitário da Universidade Federal do Rio Grande e no Templo das Águas (Colônia São Manoel – Pelotas) evidenciam a possibilidade de promovermos iniciativas na formação em Educação Ambiental que fomentem a participação, o convívio, a autonomia e os processos autogestivos.

Palavras-chave: Três Ecologias, dispositivo, formação em Educação Ambiental, corpo

Dispositivos de controle e alienação dos corpos

Augusto Luís Medeiros Amaral
FURG
augustoamaral@hotmail.com

Cláudio Tarouco de Azevedo
UFPEl
claudiohifi@yahoo.com.br

Eliana Peter Braz
braz.eliana@gmail.com

A Revolução Industrial, caracterizada como um amplo processo de mudanças sociais impulsionado pela transformação de métodos artesanais em sistemas industriais de produção, marcou em quase todos os aspectos o dia a dia nos países que aderiram ao modelo. O filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin, mostra um pouco das transformações profundas ocorridas no cotidiano social, na subjetividade e no corpo do trabalhador confrontado com as diversas ameaças que a vida moderna impõe.

É interessante destacar que neste período de expansão da economia capitalista o corpo humano ganha atenção especial e passa a ser analisado com metodologias científicas e objetivos claramente produtivistas. Neste momento histórico, começou a ser desenvolvida uma série de estudos cronometrando tempos e observando movimentos, com o objetivo de decompor analiticamente o trabalho corporal dos operários, visando a racionalizá-lo, simplificá-lo e codificá-lo a fim de torná-lo mais rápido e eficiente, otimizando assim a produção da mais-valia.

Boa parte destes estudos, desenvolvidos por Frederick Winslow Taylor (1970), objetivavam o maior rendimento do trabalho com o menor esforço possível e sugeriam que deveria ser eliminado do movimento corporal do operário toda e qualquer parcela de tempo e deslocamento inútil. Foi com o respaldo dessas pesquisas que o corpo humano passou a ser submetido a uma forma de trabalhar mecânica, sistematizada e repetitiva, ampliando sobremodo os processos alienantes que levaram o operário a vender sua força de trabalho e abrir mão de atributos e qualidades potenciais, embotando sua inventividade e expressão.

Para compreender o que significa alienação em nosso tempo, é necessário entender que o humano não só deixa de ser dono de seu próprio destino – como sugere o conceito marxista, concebido a partir de uma economia capitalista em franca expansão na Europa da Revolução Industrial – mas também elimina gradualmente a capacidade de lidar com imprevistos, oscilações e incertezas em seu próprio corpo.

Marx tem razão quando afirma que a relação do operário com sua atividade laboral é alienada porque esta, assim como o produto e o benefício econômico, não lhe pertence. É um tipo de relação que pressupõe

a atividade como sofrimento, a força como impotência, a procriação como emasculação, a energia mental e física *própria* do trabalhador, a sua vida pessoal – pois o que é a vida senão atividade – como atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele. A *auto-alienação* (MARX e ENGELS, 1984, p. 154).

Mas, além dos problemas atrelados à divisão social do trabalho e do dispositivo da fábrica, analisados profundamente por Marx, avançar na análise de outros dispositivos de controle instituídos¹ a partir da modernidade amplia a compreensão das questões socioambientais na contemporaneidade e daí a importância de pensar o humano dentro dos estudos socioambientais.

Para entender os dispositivos que se estendem às demais atividades humanas e produzem corpos cada vez mais limitados em seus movimentos e formas de expressão é preciso saber como funcionam os processos de regulação que gradativamente se instauram no cotidiano e tornam o movimento humano mais e mais fragmentado, repetitivo e previsível.

Vivemos um período de transição entre o que Michel Foucault (2009) chama de *sociedade disciplinar* e a *sociedade de controle* analisada por Gilles Deleuze (1992), um momento em que se difunde uma forma particular de regulação: o controle incessante em meio aberto. Os dispositivos se sofisticam na atualidade enquanto cresce a necessidade de manutenção da ordem pública e da conduta normal dos indivíduos. Há uma lógica do confinamento que se propaga em toda a sociedade, sem que, necessariamente, existam muros que separem o lado de dentro das organizações (como escolas, presídios, indústrias, manicômios, hospitais, entre outras), do seu exterior.

Na *sociedade disciplinar* predomina o modelo Panóptico², implicando a existência

¹ “Toda instituição compreende um movimento que a gera: o instituinte; um resultado: o instituído; e um processo: a institucionalização (...) O instituído “cumprir um papel histórico importante porque vigora para ordenar as atividades sociais essenciais para a vida coletiva. Para que os instituídos sejam eficientes, devem permanecer abertos às transformações como que o instituinte acompanha o devir social. Contudo, o instituído tem uma tendência a permanecer estático e imutável, conservando, *de juri* estados já transformados *de facto* e tornando-se assim resistente e conservador (...) Exemplos de instituições são: a linguagem, as relações de parentesco, a divisão social do trabalho, a religião, a justiça, o dinheiro, as forças armadas, etc. Um conglomerado importante de instituições é, por exemplo, o Estado” (BAREMBLITT, 2002, p.156 e 157).

² Sobre as instituições disciplinares, Foucault (2009) aponta o Panóptico como o modelo arquitetônico inspirador. Idealizado pelo jurista inglês Jeremy Bentham em fins do século XVIII, o Panóptico é na

de um único vigia, que esteja presente em tempo real e consiga observar um grande contingente de pessoas quase ao mesmo tempo. Na *sociedade de controle* a vigilância é gradativamente introjetada. O humano passa a exercer controle incessante sobre si mesmo na medida em que a dimensão do que acontece se modifica e o mais breve evento consegue ganhar prolongada duração. Seja nas manifestações populares que vêm ocorrendo no Brasil (desde junho/2013) ou em cenas de *reality show*, certas imagens ganham dimensão onipresente e podem se perpetuar até serem fixadas na mente humana.

A proliferação dos dispositivos de controle associada à sofisticação tecnológico-midiática permite que os indivíduos, de um modo geral, possam ser controlados com mais eficiência e precisão. Esse é um dos desdobramentos dos sistemas de rastreamento por satélite e outras ferramentas de vigilância que não param de espalhar microfones e câmeras de segurança pelas ruas, casas, praças, prédios e becos de nossas cidades.

A paisagem urbana, especialmente nas megacidades, evidencia um ambiente fortemente controlado em nome da ordem e do bom funcionamento da vida coletiva. Se, por um lado, polícias e milícias disputam espaços neste ambiente, por outro, os discursos políticos são cada vez mais sofisticados a fim de justificar a regulação da população em função da necessidade de controlar atividades econômicas (comercial, industrial, de serviços, etc.), de promover a segurança pública, de realizar obras e benfeitorias, para regular os problemas oriundos do adensamento habitacional e da ocupação indevida do espaço urbano, etc.

A ideia de estabelecer controle sobre a vida humana não é algo novo, mas na contemporaneidade, devido à proliferação de dispositivos que estabelecem domínio sobre os corpos, o movimento humano se torna exageradamente repetitivo e previsível.

O ambiente das cidades com suas regularidades e regularizações, placas de sinalização, monitoramento por radar eletrônico, agentes de fiscalização, sistemas

periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre; esta possui grandes janelas que se abrem para a parte interior do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada uma ocupando toda a largura da construção. Estas celas têm duas janelas: uma abrindo-se para o interior, correspondendo as janelas da torre; outra, dando para o exterior. Basta então colocar um vigia na torre central e em cada cela trancafiar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um estudante.

eletrônicos de vigilância, entre outros mecanismos de sujeição e controle, evidencia uma forma de sobre-codificação do espaço e instiga a fazer uma reflexão mais ampla sobre a questão.

O conhecimento científico não pode se furtar de analisar os desdobramentos das restrições impostas ao movimento de um corpo que ao longo de seu processo evolutivo conta com ações inéditas e radicais a fim de superar seus próprios limites: o corpo humano. A espécie humana possui a capacidade de intervir sobre si mesma e recriar seus territórios existenciais. Reinventamo-nos porque somos corpos voltados à diversidade e diferimos inclusive de nós mesmos.

Contudo, as possibilidades de variação são reduzidas em meio a tantas normatizações. As subjetividades estão moldadas de tal forma que certas capacidades que dizem respeito a lidar com o novo e o imprevisto são dificultadas.

Vivemos atualmente um sedentarismo caracterizado não exatamente pela falta de movimento, mas por movimentos mecânicos com alto grau de previsibilidade e ações corporais que se repetem indefinidamente. Aderimos ao modo de viver urbano e pensamos que estamos sendo resguardados pela rotina de uma vida minimamente tranquila e estável – o menos caótica possível. Vivemos um sedentarismo mais amplo e nocivo do que talvez suponhamos, onde a regularidade, a constância e a monotonia passam a fazer parte do cotidiano, de nossa percepção da realidade, hábitos, visão de mundo, movimentos e reflexões.

Colocar o pensamento em fluxo no contexto atual exige do corpo movimentos em sintonia com ideias, colocando em relação certas forças de invenção do mundo e de si mesmo. Sem dúvida, isto implica romper com um tipo de alienação entendida como inatividade física³, mas também com outras formas de alienação: falta de engajamento político, inércia intelectual, passividade com relação aos problemas socioambientais, embotamento da criatividade, indiferença e falta de cuidado com o outro e com o mundo, por exemplo. É importante romper com um tipo de alienação que na contemporaneidade

³ As estatísticas atuais sugerem que 31% da população mundial é considerada inativa fisicamente, sendo que no Brasil o percentual avança para 49,2% (HALLAL, 2012).

passa a ser entendida como condição normal dos corpos, como se a apatia, o desejo⁴ fraco e a falta de potência⁵ fossem características da própria natureza humana.

É necessário enfrentar o desafio de incluir nas reflexões sobre os corpos que se desenvolvem em nossas cidades o estudo de determinadas capacidades ligadas à variabilidade e adaptabilidade. Trata-se de analisar a capacidade de transformar o que chamamos de realidade (social, ambiental, existencial, virtual, etc.), já que para nós criar realidades recriando-nos é capacidade de extrema importância. Isto porque é relevante entendermos os desdobramentos da repetição sistemática do movimento, pois talvez estejamos sendo privados de experimentar mutações em diversos níveis (ontológico, cognitivo, espiritual, fisiológico, etc.) e impedidos de nos transformarmos em corpos mais potentes e revolucionários.

Embora a crescente proliferação dos dispositivos de controle instituídos a partir da modernidade seja um fato, também é verdade que podemos inventar novos dispositivos com outras funções e objetivos. Dispositivos que potencializem a intensificação dos corpos e mobilizem o humano em torno da reinvenção de si e do mundo. Dispositivos artístico-pedagógicos que desenvolvam capacidades emocionais, instintivas, afetivas, imaginativas e intuitivas, gerando ondas de instabilidade e aguçando sentidos, enquanto o humano experimenta outras formas de lidar com leis, normas e papéis sociais estabelecidos, inventando outros modos de conviver, novas regras, transformando o meio e a si mesmo. Dispositivos de intervenção que coloquem em dúvida certos

⁴ O desejo “é essencial e imanentemente produtivo, gera e é gerado no processo mesmo de invenção, metamorfose ou ‘criação’ do novo. Sua essência não é exclusivamente psíquica, pois participa de todo o real. Correspondente aproximadamente ao que Nietzsche denominou ‘Vontade de Potência’, ao que Espinoza chamava ‘Substância’ e os estóicos ‘Acontecimento incorporal’, que resulta do encontro entre os corpos (devir). Igualmente o desejo (assim entendido) tem afinidade com o ‘virtual’ bergsoniano, com as ‘quantidades intensivas’ em Kant e com as ‘impressões intensivas’ em Hume. Esse desejo atua em todo e qualquer âmbito do real, não carece do objeto, ignora a lei e não precisa ser simbolizado porque se processa sempre de forma inconsciente. Não tende à morte porque constitui a essência da vida como ‘Eterno Retorno das Diferenças Absolutas’. Assim entendido, o desejo também está parcialmente submetido a entidades repressivas, mas essas não são exclusivamente psíquicas, e sim um complexo conjunto ao mesmo tempo político, econômico, comunicacional, etc. Na esquizoanálise de Deleuze e Guattari, o desejo é imanente à produção, daí o conceito de produção desejante” (BAREMBLITT, 2002, p.144).

⁵ Potência, na Análise Institucional, refere-se “às capacidades virtuais ou atuais de produzir, inventar, transformar, etc. Em geral, a potência designa a magnitude das forças geradoras do radicalmente novo, criador de vida (BAREMBLITT, 2002, p.163).

ambientes que obstaculizam o encontro dos corpos, que reduzem o tato, o contato e a interação, ressignificando esses ambientes a partir de outros pressupostos de forma a intensificar potências e desejos.

A Análise Institucional, as Três Ecologias, a pesquisa em Educação Ambiental

A concepção de intervenção encontra seus parâmetros epistemológicos no campo da Análise Institucional desenvolvida na França a partir dos anos 60. Busca compreender e transformar os diversos sentidos cristalizados nas instituições, objetivando interrogá-los a partir de um entendimento sociopolítico. A pesquisa-intervenção, de certa forma, provoca rupturas nas perspectivas colocadas pelo movimento da Pesquisa-Ação⁶, principalmente naquelas referentes às relações entre teoria e prática, entre sujeito e objeto.

O campo de pesquisa é sempre campo político e se constitui por múltiplas forças que se propagam por contágio e contaminação. René Lourau⁷ (2004) afirma que os processos que nele ocorrem acontecem por difusão, contágios, por contiguidades ou proximidades em dimensões transversais, rizomáticas e vão além-aquém das ideias de dedução e indução em dimensões verticais como produção do conhecimento. Neste complexo universo do trabalho de campo a relação sujeito-objeto é sempre implicada e atravessada por devires.

A Análise Institucional coloca em evidência certas alienações e opressões, favorece a análise crítica e pensa as intervenções como formas inovadoras de se relacionar, colocando em crise as formas instituídas. Propicia o surgimento de “processos auto-analíticos e autogestivos circunscritos (se for o caso), mas tendendo sempre a que se expandam até conseguir um alcance generalizado e revolucionário” (BAREMBLITT, 2002, p.137).

⁶ No projeto da Pesquisa-Ação, contraponto radical ao positivismo na defesa de uma teoria amalgamada na ação comprometida do pesquisador, a busca de dados inclui testemunhos, associa entrevistas, questionários, análise de conteúdo e restituição das informações aos pesquisados. Visa, muitas vezes, à tomada de consciência, a mudanças de comportamento. Propõe-se a reunião da teoria e da ação amalgamadas reciprocamente.

⁷ Implicação-transdução.

Neste campo epistemológico situam-se as Três Ecologias (GUATTARI, 1990), manifestando a necessidade de fazermos emergir um pensamento que ultrapasse os limites da lógica cartesiana e coloque em dúvida o lugar do humano como centro e medida de todas as coisas. Para Guattari, é preciso que o conhecimento avance a tal ponto que possamos nos entender integrados aos demais seres vivos, rompendo as fronteiras que separam natureza humana e recursos naturais. Somente através de articulações políticas e práticas cotidianas, um questionamento mais amplo acerca das normas e premissas sociais poderá emergir.

Com o objetivo de analisar processos cognitivos que têm como meta a reinvenção de si e do mundo, foi realizado nos anos de 2009 a 2012, um trabalho de campo que buscava potencializar as capacidades emocionais, instintuais, inventivas, afetivas, imaginativas e intuitivas do humano em situações diversas. O estudo privilegiou as experimentações teatrais e intervenções socioambientais realizadas com um grupo de amigos no Templo das Águas – zona rural de Pelotas/RS – e com um grupo de estudantes no Hospital Universitário da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), durante a 35ª Semana Riograndina de Enfermagem da FURG (2011).

Nesses encontros foram desenvolvidas oficinas de teatro, através de improvisações e experimentações cênicas, dando base às intervenções que abrangiam questões socioambientais nos espaços formais e não formais de ensino, tanto na zona urbana quanto rural, através de um conjunto de atividades prático-teóricas abordando problemas inerentes às relações humanas, em termos do cuidado de si e dos outros, assim como questões ligadas ao meio ambiente, enfocando o cuidado com as plantas, os animais, a terra, o oxigênio, a água, etc. – atividades problematizadoras da existência de fronteiras entre o humano e o não humano, entre cultura e natureza.

A metodologia cartográfica (DELEUZE e GUATTARI, 1995) desse trabalho inspira-se nas Três Ecologias de Felix Guattari (1990) e indica a relevância de três registros ético-estéticos – as ecologias ambiental, mental e social, das quais o corpo é vetor transversalizante. Ela aponta para o caráter imanente dos complexos e indissociáveis problemas ligados ao meio ambiente, à subjetividade humana e às relações sociais, aproximando atitude ecológica e pensamento filosófico.

O dispositivo artístico-pedagógico utilizado conjuga elementos do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal (1988, 2002); da Somaterapia, de Roberto Freire (1988, 1991); do Psicodrama, de Jacob Levy Moreno (2008); dos Grupos Operativos, de Pichon-Rivière (2005, 1998); da Biodança, de Rolando Toro (2002); do Clowning, de Jean-Pierre Besnard (2006); e da Sociopoética, de Jacques Gauthier (2009). Trata-se de um dispositivo de desenvolvimento de si movido pelos agenciamentos coletivos (GUATTARI, 1981 e 1992) produzidos nos ambientes em que atua. A ênfase dada às experimentações realizadas encontra-se menos no produto a ser alcançado e mais nos processos de constituição. Pressupõe sair do mesmo lugar de sempre, mudar a posição do corpo e ver o mundo em outra perspectiva, inventando novos modos de coexistência através das técnicas e métodos utilizados.

Não se trata de um “lugar de representações” (de uma obra, de um autor), na concepção comum de teatro, mas de um trabalho itinerante onde os corpos se apresentam e são entendidos como forças de composição que animam experimentações e intervenções. Isto acontece enquanto é estabelecido um jogo de correspondência entre quem se apresenta e quem assiste, entre o que se passa nas oficinas e intervenções e na vida cotidiana. Esse processo é aqui entendido como formação de si e só se viabiliza e ganha potência nas relações entre os corpos entre si e com o ambiente.

Diferentemente das metodologias centradas no controle das variáveis, as práticas desenvolvidas privilegiam “descontroles” e estão abertas à multiplicação das variáveis. Ao contrário dos métodos clássicos, as variáveis estranhas são bem-vindas, espera-se que interfiram e gerem ondas de desestabilização potencializando a invenção de outros modos de conviver. É uma maneira de nos expressarmos com menos autocensura e de acreditarmos mais nos complexos processos de autorregulação da vida, objetivando lidar de outra maneira com regras e poderes que nos são impostos. Essa operação exige atenção e cuidado, pois o que se faz efetivamente é problematizar uma forma de controle específica enquanto os corpos se perdem e se reencontram: o controle ego-centrado.

No campo epistemológico onde essas intervenções se situam não existe raiz no eu, pois os acontecimentos⁸ se dão de maneira descentralizada, multifocada, transversalizante. As ramificações surgem em qualquer ponto e não há proposições ou afirmações mais fundamentais do que outras. Essa é uma epistemologia rizomática que privilegia os meios, os intervalos, as ervas-daninhas entre as plantações tão cartesianamente organizadas.

Seu fundamento é a complexidade, onde variadas conexões são estabelecidas a todo o momento, num fluxo constante de desterritorialização e reterritorialização. Esse é o principal desafio do trabalho realizado: reinventar se reinventando, ajudando-se mutuamente, acessando devires, acreditando em intuições, valorizando o outro em suas diferenças, mostrando-se como se vê, expressando-se tal como se sente, ampliando o conhecimento de si mesmo, recriando máscaras e papéis sociais, agindo e pensando com o corpo inteiro em movimento, colocando-se em situações não normais (com relação às normalidades instituídas), vivendo estados distantes do equilíbrio, lidando com acontecimentos inesperados. Enfim, arriscando-se para além dos lugares seguros e confortáveis.

As práticas artístico-pedagógicas inspiram-se na manifestação rizomática, pois estimulam os movimentos, as discontinuidades, as variações, as multiplicidades, não se constituem de unidades, mas sim de dimensões. Referem-se à montagem de uma cartografia que é produzida, construída, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas. No entanto, é preciso deixar claro que uma estrutura rizomática não é necessariamente flexível ou instável, pois existem linhas de solidez e organização fixadas por grupos determinados. Tais conjuntos definem territórios relativamente estáveis dentro do rizoma, mas isto não significa que exista algum modelo de ordem isento de transformações.

⁸ Acontecimento é o “ato, processo e resultado da atividade afirmativa do acaso. É o momento de aparição do novo absoluto, da diferença e da singularidade. Estes atos, processos e resultados, consequências de conexões insólitas que escapam das constrações do instituído – organizado, estabelecido, são o substrato de transformações de pequeno ou grande porte que revolucionam a História em todos os seus níveis e âmbitos. O acontecimento atualiza as virtualidades, cuja essência não coincide com as possibilidades. O virtual não existe, mas faz parte da realidade” (BAREMBLITT, 2002, p.134).

Para Deleuze e Guattari (1992, 1995), a estrutura do conhecimento não deriva, por meios lógicos, de um conjunto de princípios primeiros, mas se elabora simultaneamente a partir de todos os pontos sob a influência de diferentes perspectivas, métodos e conceitos. A organização rizomática do conhecimento confronta a naturalização de modelos hierárquicos que, tantas vezes, refletem estruturas sociais opressivas e violentas. Trata-se de uma epistemologia em que a organização não segue linhas de subordinação – com uma base ou raiz dando origem a múltiplos ramos –, qualquer elemento pode afetar ou incidir sobre qualquer outro. O rizoma carece, portanto, de centramentos e linearidades.

Desse ponto de vista, tudo se passa no plano de imanência, dentro de um campo de forças onde corpos se encontram, trocam, disputam, fazem alianças, entram em conflitos, dissolvem-se, transmutam. Onde uma infinidade de elementos ético-estéticos se compõe em determinado tempo-espaço gerando potenciais de comunicação transversalizantes, linhas de fuga, novos lugares de passagem.

Para conceber o campo de intervenção como o próprio objeto da pesquisa, o pesquisador tem que aprender a lidar com a desestabilização de suas convicções, sem abrir mão de uma espécie de atenção multifocada capaz de acolher imprevistos e propagar intensidades. Isso lhe permite descobrir o que ainda não sabe. Essa análise implicada permite compreender seus diversos envolvimento enquanto alterna posições como sujeito e objeto da pesquisa colocando em questão os postulados de objetividade, neutralidade, imparcialidade que balizam a ciência clássica.

Nessa perspectiva, sujeito e objeto se misturam, ou seja, quem conhece é conhecido, quem analisa é analisado ao mesmo tempo em que a cartografia intervém sobre a realidade. Saberes acumulados e inclinações pessoais cedem espaço aos afetos, tendo em vista a abertura do pesquisador às interferências e sucessivas recomposições suscitadas pelo meio. Os desafios desse tipo de trabalho têm sido de acompanhar tais variações, levando em conta uma forma de produção coletiva do conhecimento que só acontece enquanto penetra-se numa espécie de labirinto. Não se trata de um labirinto com caminhos unidirecionais que conduzem a um determinado centro, mas, sim, de armações intrincadas com múltiplas entradas e saídas.

A questão que impulsionou a pesquisa realizada a partir dessas intervenções propõe examinar de que forma o dispositivo artístico-pedagógico utilizado poderia contribuir com a produção de modos de existência que promovessem a intensificação dos corpos e o cuidado com o meio ambiente.

As oficinas e intervenções socioambientais

A oficina realizada na zona rural de Pelotas (Colônia São Manoel / Serra dos Tapes) aconteceu em julho de 2010 no Templo das Águas⁹, residência do poeta, músico e militante no campo da Educação Ambiental Marco Gottinari. O objetivo foi realizar atividades artístico-pedagógicas a fim de desenvolver o cuidado de si mesmo, do outro e do ambiente; aguçar os sentidos gerando ondas de instabilidade e intensificações; e explorar outras formas de interagir e perceber o ambiente. A oficina foi dividida nos seguintes momentos:

- 1) Início da tarde: recepção com músicas criadas e interpretadas por Marco Gottinari – temas ambientais e sociais (momento de introspecção/reflexão).
- 2) Apresentação da proposta da oficina / Conversações sobre arte e Educação Ambiental com a participação de Marco Gottinari.
- 3) Caminhada experimentando maneiras não convencionais de se mover: como um quadrúpede e depois caminhando muito lentamente (explorando outros eixos de equilíbrio do corpo).
- 4) Caminhada dentro do labirinto de bambu feito pelo proprietário do sítio, com percussão de um dos integrantes do grupo. O objetivo foi criar uma espécie de trilha sonora da experimentação com ajuda da percussão, gerando uma atmosfera sonora que misturasse o som do cajón com os sons do ambiente. O labirinto está localizado às margens do arroio Pelotas e o barulho das águas e do vento neste local é forte.
- 5) Momento de meditação na geodésica de bambu feita pelo proprietário do sítio (integração com o meio/sensibilização).
- 6) Banho no arroio Pelotas.
- 7) Trilha dentro da propriedade, enquanto é realizada a experimentação “O cego e o guia”: caminhada em duplas: uma das pessoas fecha os olhos e anda pela trilha, em meio à mata, guiado pelo companheiro – apenas apoiado à mão em seu ombro. Num segundo momento, a dupla troca de posição, quem era guia vira cego e vice-versa.
- 8) Técnicas circenses

⁹ O Templo das Águas é uma “pequena propriedade rural as margens do arroio pelotas que oferece aos visitantes um contato com a mãe terra resgatando suas origens. Desenvolve atividades com escolas e grupos para o despertar da consciência divina de cada um através de trilhas oficinas e vivencias adaptadas para o perfil de cada grupo. [...] Casarão centenário de origem alemã onde funcionava um armazém para venda e trocas de produtos, hoje usado pela família residente para atividades ligadas ao turismo a arte e a cultura”. <http://www.tda-quemsomos.blogspot.com.br/>

(atividade orientada por um dos integrantes do grupo). 9) Encerramento: Improvisações musicais e recitações poéticas no final da tarde.¹⁰

A oficina¹¹ realizada no Hospital Universitário da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, durante a 35ª Semana Riograndina de Enfermagem da FURG (2011), aconteceu após a Mesa Redonda “Ética e cuidado de si: a percepção sensível do ambiente”, coordenada por doutorandos em Educação Ambiental da FURG. A oficina foi dividida nas seguintes etapas:

Etapa 1) Discussão a respeito do audiovisual como dispositivo de intervenção socioambiental e, logo após, aprofundamento de algumas das ideias em desenvolvimento nas teses dos coordenadores da atividade problematizando os limites entre a *encenação* e a *vida* a partir de animações, *clipes* e fragmento de espetáculo teatral. Etapa 2) Aquecimento e integração grupal. Foi realizado o “Jogo do Cumprimento”¹² e a atividade dos “Abraços Mútuos” (trilha sonora com as músicas “The Hero” e “The Song Of The Sun” de Mike Oldfield). Na continuidade as participantes, na maioria futuras enfermeiras, ouviram o batimento do coração umas das outras. Este foi um momento intenso do processo de experimentação em que, segundo elas, foi a primeira vez ao longo do curso de Enfermagem que escutaram o coração sem ajuda do estetoscópio. Etapa 3) Apresentação dos participantes da oficina e atividades de expressão corporal, improviso e estímulo à imaginação. No primeiro momento, foi montado um palco improvisado na sala, o limite do palco foi estabelecido por uma corda no chão. Atrás do palco, separado por um biombo, havia o figurino que seria utilizado pelos participantes. Cada um se apresentaria para o grupo de três formas. Primeiro, com uma apresentação normal, depois se apresentaria como ator e, por fim, como *clown*¹³. Na primeira apresentação, o participante

¹⁰ Anotação extraída do Diário de Campo.

¹¹ Participaram da oficina uma professora do curso de Enfermagem da FURG e estudantes do curso de Enfermagem, de Psicologia e de Contabilidade da FURG.

¹² Na primeira etapa uma pessoa chega para a outra e elas se apresentam, são duas desconhecidas que se encontram dentro de um elevador, podemos dizer que de certa forma está inserida na situação uma espécie de formalidade e certa timidez, um constrangimento com relação à nova pessoa. Na segunda etapa do jogo, é uma situação em que estamos com muita pressa, estamos muito atrasados para um compromisso ou para pegar um transporte e encontramos um amigo, cumprimentamos rapidamente e saímos correndo, não dispensando o tempo que gostaríamos dedicar para o encontro. Na terceira etapa, encontramos um grande amigo que há muitos anos não víamos e nos abraçamos, trocamos afeto e nos damos o tempo necessário para alimentar aquele forte e antigo vínculo. Esse jogo proporcionou um momento de descontração e integração com os colegas.

¹³ O *clown* é um tipo de palhaço “lírico, inocente, ingênuo, angelical e frágil, e essas energias/emoções devem estar latentes no corpo do ator. Ele deve buscá-las e transformá-las em corpo. Outra característica do *clown* é que ele nunca interpreta, ele simplesmente é. Ele não é uma personagem, ele é o próprio ator expondo seu ridículo, mostrando sua ingenuidade. Por esse motivo, usamos o conceito de *clown* e não de palhaço. (...) Cada ator, portanto, possui seu próprio *clown*, com características particulares e individuais. Outra característica do *clown* é que ele trabalha com um *estado orgânico* que o

entra normalmente, pára no centro do palco, diz seu nome e se retira. Na segunda apresentação, o participante entra no palco como ator, apresenta uma pequena cena criada por ele, sem fala (pantomima), e depois se retira. Na terceira apresentação escolhe seu figurino e coloca o nariz vermelho de palhaço, então se apresenta para o grupo como clown e retira-se. Neste momento é reconstruído o figurino dos clowns. O figurino original criado por cada um é modificado nesta atividade. Os participantes são organizados em duplas e um modifica o figurino do outro. Ao sinal do facilitador as duplas se revezam, de tal forma que todos interferem no figurino de todos. Etapa 4) Esta experimentação propõe a criação de um esquete improvisado (pantomima), a partir do áudio “Som das Memórias”. Trata-se de uma carta-sonora montada com recortes de diferentes áudios. Após um breve relaxamento, de olhos vendados, os participantes ouvem o áudio “Som das Memórias” e depois fazem um exercício de improviso, em grupo. Usando a inventividade/imaginação os participantes transformam a carta-sonora numa pequena peça teatral – sem planejamento prévio. Etapa 5) Nesta etapa, os participantes expressam, através do desenho com giz de cera e da escrita livre, o que a oficina despertou, o que ela produziu em suas vidas naquele momento. Encerramento.¹⁴

Tanto o resultado do processo realizado no Templo das Águas quanto no Hospital Universitário da FURG, foram registrados em audiovisual e se encontram hospedados no site da FURG/PPGEA. Um chama-se “Vídeo-Experimentação: intervenção no Templo das Águas¹⁵” e outro “Experimentações Estéticas: clownificando o ambiente hospitalar¹⁶”.

A potência de devires e entrelugares

O vai e vem entre prática e reflexão teórica, entre o que acontece dentro e fora das oficinas, entre espaços formais e informais de ensino, entre o rural e o urbano, indica a existência de potenciais inventivos nos entrelugares, enquanto o pesquisador se desloca em ambientes fronteiriços, exigindo a continua reelaboração de técnicas e

leva a agir com uma *lógica própria*, determinando, a partir desse estado, todas as suas ações físicas, que nascem a partir de sua *relação* com o espaço, com os objetos ao seu redor, com os outros clowns, com seu figurino e, principalmente, com o público. Dessa forma, encontramos outra palavra básica para definir o trabalho do clown: *relação real*, verdadeira e humana, com tudo que se encontra em sua volta, incluído aí o público” (FERRACINI, 2003, p.217 e 218).

¹⁴ Anotação extraída do Diário de Campo.

¹⁵ O audiovisual encontra-se disponível no seguinte link:

http://www.educacaoambiental.furg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=367%3Avideo-experimentacao&catid=56%3Avideos&Itemid=90&lang=pt

¹⁶ O audiovisual está disponível através do seguinte link:

http://www.educacaoambiental.furg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=484%3Aexperimentacoes-esteticas-clownificando-o-ambiente-hospitalar&catid=56%3Avideos&Itemid=90&lang=pt

conceitos com o objetivo de promover a capacidade relacional e expressiva, bem como a produção de um conhecimento ético-estético a partir do corpo.

O processo de pesquisa procurou manter-se fiel às discontinuidades e perturbações da cartografia procurando incluir variados pensamentos e expressões em torno de um saber polifônico, rizomático. Difundi-los enquanto prática de cuidado de si é uma maneira de contribuir com o aprofundamento das questões ligadas ao campo da Educação Ambiental.

Está na base dos problemas ambientais um tipo de alienação que se desdobra em comportamentos automáticos e previsíveis, inatividade física, falta de engajamento político e social, passividade e indiferença com relação ao outro e ao mundo, falta de iniciativa e criatividade, enfim, um tipo de sedentarismo enraizado nas práticas comuns do dia a dia, gerando dificuldade em lidar com o múltiplo e o complexo. Os dispositivos artístico-pedagógicos utilizados nas intervenções indicaram que entender a amplitude desse processo alienante é chave para compreender a forma pela qual se colocam e se removem certas restrições que objetivam controlar o intercâmbio dos corpos. Forneceram pistas de como lidar com o elevado grau de controle que o humano se submete na atualidade, apontando caminhos para enfrentarmos concepções que impõem comportamentos normais e naturalizam instituições.

Isso aconteceu ao ser fomentada a autonomia dos grupos e das pessoas ao longo do processo, gerando alternâncias e valorizando percursos intermediários: trechos entre identidades, máscaras e papéis sociais. Os entrelugares aparecem na pesquisa-intervenção como forma de mobilizar certos corpos tirando-os de suas rotinas e lugares seguros, fazendo com que criem as regras do jogo a partir de suas próprias escolhas e decisões, transitando entre os campos da arte, educação, filosofia e espiritualidade, transversalizando saberes.

Isto permite que o corpo daquele que passa pelo processo de experimentação e intervenção socioambiental cambaleie quando acessa certos devires não porque esteja rompendo com seu próprio eixo, mas porque se desalinha com relação ao grande eixo que faz girar toda a parafernália social.

Sem dúvida, as experimentações cênicas e intervenções socioambientais suscitam importantes reflexões do ponto de vista da epistemologia rizomática, inspiradas na fluidez das águas e nos fluxos da vida. O processo tem a potencialidade de colocar em dúvida normas e convenções sociais, toda vez que o corpo experimenta intensificações e variações de seu próprio movimento. Faz pensar em uma ética da permanente reinvenção de si e do mundo propondo que o humano se transforme no ambiente em que está inserido. Instiga-nos a conceber uma Educação Ambiental que preconize formas de intercâmbio com o meio abertas aos devires: devir-animal, devir-vegetal, devir-mineral, devir-inumano. Esse não é um processo passivo, em absoluto, pois o corpo humano se transforma transformando, adapta-se adaptando.

Certamente que as concepções de Educação Ambiental voltadas para a tomada de consciência têm sua importância no conjunto do processo de aprendizagem. No entanto, da conscientização à ação existe um importante trajeto a ser percorrido que envolve a mobilização de intrincados processos corporais que se desdobram na ação. Os estudos desenvolvidos a partir das intervenções artístico-pedagógicas apresentaram-se como alternativas possíveis para desenvolver capacidades intuitivas, sensitivas, criativas, enquanto o humano transita nas fronteiras entre a consciência e o inconsciente.

As experimentações e intervenções mostram que isso é possível quando os sentidos são aguçados e o corpo transforma a si mesmo – gerando ondas de instabilidade e intensificações, quando põem em desordem certa ordem estabelecida e denunciam a incompatibilidade da *sociedade de controle* com as potencialidades do movimento humano.

A pesquisa colocou em evidência a importância de aprender a lidar com o medo de sofrer e de ser capaz de desejar a liberdade, de trabalhar cooperativamente, de resistir às opressões e alienações, de partilhar sonhos e utopias, e, sobretudo, de lutar pela própria vida. Esse é um importante viés do trabalho de campo, ou seja, a possibilidade de colocar o corpo humano em interação com outros corpos. Trata-se de apostar na potência dos encontros, das relações, das trocas e intercâmbios. De experimentar modos de vida mais conectados com as forças da existência, de redistribuir a energia corporal, de potencializar outras formas de expressão, de privilegiar fontes não conscientes de

aprendizado – um conhecimento que se apreende quando o corpo está em movimento, correndo riscos, ousando, reinventando-se.

Talvez o maior atributo da cartografia realizada neste trabalho tenha sido rastrear e explorar determinados paradoxos e dispersões: alguns acontecimentos carregados de potencial transformador, provocadores de sentidos e intuições capazes de colocar o pensamento em fluxo. Durante as experimentações e intervenções foram vivenciados momentos em que foi possível aprender um pouco mais sobre a força dos instintos, emoções, ímpetos e sentimentos. Momentos importantes porque acionam o corpo humano, colocando-o em ação, criando condições de possibilidade para que manifeste sua capacidade sensível e estética. São instantes de rara beleza aqueles em que o humano consegue sacudir um pouco da inércia e da passividade asfixiante de seu próprio corpo.

Os processos de formação em Educação Ambiental são, nesse sentido, a manifestação do que se passa no mundo vivido, na medida em que os acontecimentos se processam, onde a teoria influencia a prática e vice-versa, numa trama que envolve o sentido, o dito, o refletido, o sonhado, o visto, o inenarrável. Onde o verbo pensar é conjugado no eterno gerúndio, num movimento em permanente construção, que nunca acaba.

Referências Bibliográficas

BAREMBLITT, Gregorio. *Compêndio de Análise Institucional e Outras Correntes: teoria e prática*. Belo Horizonte, MG: Editora Instituto Félix Guattari, 2002.

BESNARD, Jean-Pierre. O Palhaço e o imaginário. JCC-Forum 3: Intervenção Social. Cultura Palhaço Nº 12. Edição Eletrônica. Dezembro de 2006.

BOAL, Augusto. *Jogos para Atores e Não-Atores*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2002.

_____. *200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro*. 7ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1988.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro, RJ. Editora 34, 1992.

_____. O mistério de Ariana. Coleção Passagens. 2ª ed. Lisboa: Vega, 2005.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).

_____. O que é a filosofia? Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 1992.

EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICAS: *clownificando* o ambiente hospitalar (audiovisual).

Disponível em:

http://www.educacaoambiental.furg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=484%3Aexperimentacoes-esteticas-clownificando-o-ambiente-hospitalar&catid=56%3Avideos&Itemid=90&lang=pt. Consultado em 29 de setembro de 2013, às 07h31min.

FERRACINI, Renato. A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 36ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREIRE, Roberto. Soma Uma Terapia Anarquista: a alma é o corpo. Volume I. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

_____. Uma Terapia Anarquista: a arma é o corpo. Volume II. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1991.

GAUTHIER, Jacques. Sociopoética: o livro do iniciante e do orientador. Edição Eletrônica. 2009.

GUATTARI, Félix. As Três Ecologias. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

_____. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro, RJ: Edição 34, 1992.

_____. Revolução molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo, SP: Brasiliense, 1981.

HALLAL, Pedro Curi and others. Physical activity: more of the same is not enough. The Lancet: Physical Activity · July. London: The Lancet, 2012.

LOURAU, René. Analista Institucional em Tempo Integral. São Paulo: HUCITEC, 2004.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. História. Organizador: Florestan Fernandes. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1984.

MORENO, Jacob Levy. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 2008.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. O processo grupal. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Teoria do Vínculo. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TAYLOR, Frederick Winslow. Princípios de administração científica. 7. ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 1970.

TEMPLO DAS ÁGUAS. Pelotas/RS. Disponível em: <http://www.tda-quemsomos.blogspot.com.br/>. Consultado em 06 de fevereiro de 2013, às 09h32min.

TORO, Rolando. Biodanza. São Paulo: Editora Olavobrás, 2002.

VÍDEO-EXPERIMENTAÇÃO: intervenção no Templo das Águas (audiovisual). Disponível em:
http://www.educacaoambiental.furg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=367%3Avideo-experimentacao&catid=56%3Avideos&Itemid=90&lang=pt. Consultado em 29 de setembro de 2013 às 08h40min